

A vingança.

Por Juliana Fernandes Gontijo.

O povoado do Passo Fundo do Timbó, nordeste de Goiás, estava alvoraçado. Uma família de ciganos com aproximadamente vinte pessoas estava para chegar. Matilde, esposa de um vaqueiro da cidade e dona de uma pensão, espalhou a notícia.

Sebastião, um grande industriário do setor têxtil, logo fez seus planos com os forasteiros. Ele queria dar uma grande receptividade àquelas pessoas, como o povo dizia: “uma festa de arromba”.

A sua esposa, Veridiana, não esperava que algo extraordinário pudesse acontecer. Sabia, porém, das puladas de cerca do marido. Qualquer coisa de anormal, estaria já acostumada, mas e apenas recebia de cabeça baixa tudo o que o marido impunha.

Ele combinou com um vereador do povoado, Osvaldo Ferrete, um grande almoço na Fazenda do político. Eles mandaram matar duas vacas para fazer a famosa “Vaca Atolada”, ainda teria “Mojica de Pintado” e “Pacu Assado”. Veridiana iria cuidar da “Pamonha Goiana”, sua especialidade na cozinha.

Quando os convidados chegaram para o almoço, a mulher viu os olhos radiantes do marido. Eles cresceram em uma das mais lindas ciganas do grupo. Ela deu uma cutucada em Sebastião, que respondeu com rispidez:

— Quieta mulher, da minha vida cuido eu!

O casal foi cumprimentar o chefe dos ciganos, Idelfonso Vilela. Sebastião queria de todo jeito conhecer a filha dele, que parecia ser a única de cinco irmãos, todos homens. Veridiana tentava transparecer que a vida estivesse normal, mas não!

— Encantado por sua filha, senhor Idelfonso!

— Qual é a sua “graça”? — Dirigiu a palavra à linda jovem que parecia ter uns 17 a 18 anos e estava mais encantadora com um vestido cheio de babados e rendas em vermelho, amarelo e lilás.

Veridiana olhava aquela situação de longe, com os olhos fervidos de raiva, mas nada podia fazer.

O forasteiro não deixou que a filha respondesse e foi dizendo:

— Joviana, este é o nome da minha única filha. — O pai já percebia os olhares insinuantes de Sebastião.

— Muito prazer, senhorita. Seja bem-vinda ao Passo Fundo do Timbó. — Respondeu o industriário.

O almoço que se transformou numa festa durou muitas horas e, todos os momentos em que podia, o homem queria cortejar a jovem cigana. No povoado, era a mesma história. Sempre que chegava uma moça nova, ele corria atrás como um galo-de-briga. Naquele tempo, fim dos anos de 1940, isso era bastante comum na sociedade.

No fim da tarde, com um pôr do sol avermelhado, típico de inverno, ele puxou a moça pelo braço, às escondidas, para uma parte mais sossegada do pomar de videiras da fazenda:

— Joviana, estou apaixonado pelo seu jeito juvenil. Se pudesse, eu me casaria com você. Ia ter uma vida de rainha, minha linda jovem!

— O senhor é casado! — Ralhou a moça, tentando escapar da mão pesada do homem.

— Não me importo. Veridiana não dá a mínima para os meus sentimentos.

Enquanto a moça relutava, Sebastião impunha suas investidas e, em dada circunstância, Idelfonso chegou mais perto:

— Está acontecendo alguma coisa aqui que eu deveria saber, filha?

— Papai, este senhor...

— Está, sim, Idelfonso!

— Ande logo, doutor! Diga o que quer com a minha Joviana!

— Eu quero me casar com ela.

— Mas é casado com dona Veridiana. Isso não está certo!

— Não é problema seu.

— Para nós, isso é um problema dos grandes! Homem casado não desposa filha de Idelfonso Manhete, o cigano!

A discussão talvez pudesse durar horas e Sebastião disse:

— Então, apenas uma noite com ela. Eu pago o tanto que quiser, Idelfonso!

— Não é bem assim, doutor Sebastião...

— Andrade, por favor! Eu pago! Em bois, cavalos e contos de réis!

— O problema não é dinheiro! É a nossa tradição, doutor! Minha filha, Joviana, somente se casa com um dos nossos e ninguém põe a mão nela antes do matrimônio.

— Fazemos um negócio em sigilo absoluto.

A moça estava atônita, não sabia o que fazer. Se chorava, ou saía correndo dali.

Idelfonso estava nervoso, ou pior, em uma situação bastante embaraçosa:

— Preciso pensar!

— Uma noite apenas, já basta! Já que não me permite casar com ela.

— Isso nunca! Casar, jamais!

— Quando vai embora do povoado?

— Na semana que vem! Estamos apenas de passagem. Vamos para o Mato Grosso e depois atravessaremos a fronteira com a Bolívia.

— Então, hoje à noite?

— Não insista, doutor! Eu dou as coordenadas, mas eu quero 10 cavalos garanhões, 5 vacas prenhas e mais meio milhão de contos de réis!

— Meu Deus! Até vacas prenhas? Isso eu não tenho!

— É a minha filha, doutor! Só eu sei o quanto ela vale! Se arranje e entregue as vacas!

Joviana ouvia tudo em silêncio, sentada abraçando as pernas, ao lado de um pequeno arbusto.

— Está avisado! São 10 cavalos da melhor raça que o senhor possui, 5 vacas prenhas e mais meio milhão de contos de réis para amanhã à noite!

— O que posso fazer? Eu amo a sua filha! E onde vai ser o nosso encontro?

— Na pensão da senhora Matilde!

— Não pode ser em outro lugar? Aquela mulher é a maior fofqueira do povoado!

— O doutor quer passar uma noite com a minha filha, certo? Então, vai ser no quarto 1 da pensão e não se fala mais nisso! Amanhã, às 7 da noite, esteja com os animais e o dinheiro ensacado.

Sebastião não teve escolha a não ser procurar pelas vacas até a manhã do dia seguinte. O dinheiro era fácil, os cavalos também, mas as vacas prenhas... Não havia alma viva que tivesse ao menos uma vaca preta no povoado.

No horário combinado, o marido de Veridiana estava na porta da Pensão de Matilde.

O cigano e a filha já estavam no quarto 1. A dona do estabelecimento mandou que Sebastião subisse e ele teve uma grande surpresa:

— Vi, doutor, que não trouxe as vacas prenhas!

— Pois é, meu senhor! Eu trago aqui 900 mil contos de réis e 10 cavalos garanhões como pagamento pela noite com sua filha. — Respondeu Sebastião cabisbaixo.

Matilde ouvia tudo detrás do balcão da recepção.

— Tudo bem, doutor! Essa vou deixar passar! Vamos entrar? Minha filha já te espera!

O cigano empurrou o homem para o quarto com uma garrucha nas costas. O industriário não entendeu de onde vinha a arma. No entanto, ficou deslumbrado com a beleza da moça de camisola branca.

Intimidado, o industriário levantou as mãos, tremendo:

— Está tudo bem, Idelfonso! Eu só quero passar a noite com sua bela filha.

Ao se virar, frente a frente com o cigano, a arma já estava apontada para seu peito a menos de 10 centímetros do coração:

— O doutor vai para aquela cama! A minha filha dorme nessa aqui, a maior.

— Mas eu...

— Não tem mas, nem por quê! O combinado foi passar a noite com a minha filha, dormir com ela, não é verdade? Eu não disse que iria desposá-la.

— Só porque não cumpri com o prometido das vacas?

— Eu sabia que o doutor não tinha esses animais. — E levantou a garrucha no pescoço de Sebastião dando uma boa gargalhada.

— Eu lhe imploro! Só alguns momentos perto dela!

— Não encosta nem um dedo em Joviana ou te mato aqui mesmo! Minha família não tem nada a perder. Eu já matei outros três caboclos que tentaram desposá-la.

Sebastião tremia muito, a moça também. O pai piscou o olho para a filha, indicando ser apenas uma ameaça àquele homem safado. Eles já tinham o dinheiro que queriam.

O industriário não teve outro remédio a não ser dormir na cama ao lado. Indignado, não podia fazer nada. A estas alturas, a boca de Matilde já fervia em todo o povoado. Idelfonso passou a noite toda com a garrucha virada para Sebastião.

— Não ouse levantar daqui, doutor! Você queria dormir com a minha filha, então durma quieto. Não falamos em desposá-la. Você pediu apenas uma noite! — Aquela foi a noite mais longa da vida de Sebastião. Ele não conseguiu pregar o olho.

No dia seguinte, o industriário saiu do quarto cabisbaixo. Nem de longe parecia o homem imponente que todo Passo Fundo do Timbó conhecia. Mal cumprimentou a dona da pensão e foi para a casa. Ela ria às custas do marido de Veridiana, enquanto fechava a conta do cigano.

Em casa, a esposa já sabia do acontecido. E somente aceitou o marido em casa, por se sentir vingada por Idelfonso.

— Não me dirija a palavra, mulher! Eu mato aquele desgraçado antes dele sair do povoado. Amanhã cedo, ele vai cair numa emboscada. Uma boa “Vaca Atolada” envenenada com chumbinho vai lhe tirar a vida e da maldita Joviana.

— Eu não vou preparar essa comida, Tião! A menina não tem culpa!

— Cale a boca, mulher!

Na manhã seguinte, Sebastião foi até o local onde o grupo de ciganos estaria acampado para levar a tal refeição para Idelfonso. O industriário, porém, teve uma baita surpresa com o local limpo, não havia sinal de gente ali. O grupo já havia se mandado.

Ele, com fogo nos olhos, pegou um cavalo e chamou outros amigos para lhe ajudar nas buscas do grupo de forasteiros. Galoparam por várias horas e não avistaram ninguém! Não havia vestígios da passagem daquelas pessoas. Os amigos de Sebastião também não entendiam como aquele grupo pudesse ter sumido assim, sem mais nem menos. Provavelmente, o rumo deles não foi a Bolívia, mas sim o interior do Brasil, Minas ou São Paulo.

Na verdade, muitos dos chamados “amigos do industriário” se sentiram vingados pelo cigano Idelfonso. Várias mulheres riam de sua cara por ele não ter conseguido a moça que tanto desejou. Ele era um desmoralizado no povoado. Perdeu grande parte da sua fortuna por uma moça que jamais conseguiu desposar.

Idelfonso e sua filha, certamente, deram gargalhadas por passarem a perna em mais um homem rico no interior do Brasil. Em várias regiões, sempre alguém tinha um caso semelhante para contar. Apenas as personagens mudavam de nome. Seria o mesmo grupo de Idelfonso e Joviana que passaram rasteira em muita gente por aí? A dupla seria realmente de pai e filha ou marido e mulher? Vai saber!
